



Alunas e professoras na Escola Primária de Santa Luzia na década de 1920

Revisitar Guimarães para

O espólio da Foto Moderna começa hoje a ser mostrado aos vimaranenses numa exposição que permite uma visita guiada à evolução do perfil físico e humano da cidade no século XX. Coincide com o lançamento do projecto Reimaginar Guimarães, que vai ter quatro novas exposições em 2012



Convento e Igreja dos Capuchos na década de 1920, agora um hospital



O Largo do Toural no final da primeira década do século XX

Sérgio C. Andrade

● Chama-se *A Cidade da Muralha*, mas a intenção é que os vimaranenses não fiquem dentro de muralhas mentais passadistas, do género “nesta altura é que a cidade era bonita!”. Eduardo Brito apresenta assim a exposição de que é comissário, e que será inaugurada hoje, às 22h, em Guimarães, no Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura (CAAA), em mais uma iniciativa do pré-programa da Capital Europeia da Cultura.

A exposição mostra uma selecção de 124 fotografias das mais de seis mil que integram o espólio das antigas Foto Eléctrica-Moderna e Foto Moderna, que existiram na cidade entre 1910 e 1987, e que foi recentemente adquirido pela Associação Muralha.

Com a inauguração da exposição, é simultaneamente feito o lançamento do sítio na Internet do projecto Reimaginar Guimarães (www.reimaginar.org). Ao longo de 2012, aí será actualizado o trabalho de levantamento e digitalização deste espólio fotográfico, que, sendo



Paço dos Duques de Bragança em 1915, quando estava a ser utilizado como quartel

lá das muralhas

na sua maior parte inédito, permitirá aos vimeanenses o reconhecimento da sua cidade e memórias.

No decorrer do levantamento, Eduardo Brito, um museólogo formado em Direito e também com experiência em fotografia, foi a certa altura surpreendido com

uma fotografia da sua avó, dos anos 20. Esta situação vai certamente repetir-se com os vimeanenses que contactarem com estas imagens históricas.

A *Cidade da Muralha* “explora a relação de possibilidades infinitas que os arquivos sempre oferecem”,

diz o comissário. Mas a sua preocupação principal foi “criar narrativas”. A mostra organiza-se em cinco eixos temáticos: começa com a cidade desaparecida (há imagens, por exemplo, do Teatro Afonso Henriques e da Igreja de S. Paio, já demolidos); passa pela cidade das pessoas no seu quotidiano, ofícios, festas e cultos; documenta acontecimentos e episódios (a visita de um cardeal não identificado aquando do Congresso Eucarístico de 1927, ou um exercício de bombeiros em 1909); testemunha como o(s) fotógrafo(s) da Moderna regressaram várias vezes aos mesmos lugares; e também o processo de construção da cidade que Guimarães hoje é, no seu espaço público e edificado.

Durante a Capital Europeia da Cultura, o projecto Reimaginar Guimarães e o acervo da Muralha vão dar origem a quatro novas exposições, uma delas com os trabalhos fotográficos do arqueólogo Martins Sarmiento, mas também os de figuras que saíram ou passaram por Guimarães, como o documentarista Silvino Santos ou o fotógrafo Antero Frederico de Seabra.



Operários numa oficina de cutelaria não identificada, na década de 30



Exercício dos bombeiros no Largo do Toural, a 25 de Março de 1909